



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

Movimentos Integrados de Adequação das Escolas ao Modelo de Ensino Remoto Emergencial e sua Relação com as Tecnologias Digitais

Autor: Emanuel Souto

Email: EMANUEL.SILVEIRA@UFPE.BR

Coautor: MARIA BERNADETE DE LACERDA BRANDÃO

Email: bernadetebetinha.mb@gmail.com

Coautor: Érica Feijó de Souza Lima

Email: erica_feijopedagoga@hotmail.com

Resumo - Este trabalho concentra-se na descrição dos movimentos institucionais de uma rede municipal de ensino, deflagrados a partir do estabelecimento da pandemia da COVID-19, a fim de garantir os processos de ensino e aprendizagem e definir as bases para um novo projeto de escola. As vias metodológicas foram construídas a partir de princípios qualitativos, configurando a pesquisa como exploratória e descritiva. Os resultados são descritos em três eixos, que consideram as possibilidades e limites do ensino remoto, as adaptações curriculares e formativas, além das estratégias de ampliação dos vínculos socioeducacionais. Os dados reforçam a fragilidade do modelo vigente e a necessidade de definição de políticas públicas capazes de criar condições para a reparação dos danos pandêmicos e superação dos desafios futuros.

Palavras-chave: Redes de ensino. Pandemia COVID-19. Reorganização Pedagógica.

Introdução

A crise estabelecida pela pandemia da Covid-19 impôs desafios imensos para todos os segmentos sociais. No campo educacional, o estado de emergência determinou a suspensão de todas as atividades presenciais nas escolas, universidades e nos espaços responsáveis pela gestão das redes de ensino. Um movimento que acompanhou as determinações das autoridades sanitárias e que vem impulsionando a busca por alternativas capazes de diminuir os impactos pedagógicos imediatos na rotina dos estudantes, garantir a persistência da escola e prepará-la para os desafios futuros.

O distanciamento social exigido, para controlar as taxas de disseminação do Coronavírus, inviabilizou a natureza gregária das instituições de ensino e vem funcionando como agente catalisador no processo de definição de um novo paradigma educacional, fortemente vinculado às tecnologias digitais e pautado nos movimentos de ressignificação dos papéis exercidos pelos representantes dos segmentos que compõem a comunidade escolar.

Convém destacar que o Ensino Remoto Emergencial representa a alternativa temporária, produzida em um cenário marcado por muitas incertezas e, especificamente no Brasil, ausência de medidas efetivas para o controle das infecções e redução dos efeitos secundários da pandemia. Na linha do que propõe Hodges e colaboradores (2020 n.p.), o uso das soluções, que estruturam o



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

ensino remoto, não tem como objetivo criar um ecossistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante a emergência.

É nesse contexto que afloram iniciativas diversas comprometidas com a persistência e reconfiguração das práticas escolares e das redes oficiais de ensino que, mesmo incorporadas em



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

uma sociedade informacional (CASTELLS, 2003, p.97), não conseguiram promover a inserção, de forma orgânica e sustentada, das tecnologias digitais nas rotinas pedagógicas. Mesmo que não haja evidências da eficiência e efetividade do que vem sendo feito, assim como garantia de que no futuro as práticas “pré-pandêmicas” voltem a assombrar a escola, precisamos estar atentos a esse mundo novo e transitório e somar forças para reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia (GATTI, 2020).

Compreender os movimentos de adequação da escola, na perspectiva de colaborar para a construção de futuros alternativos para a educação, ressignificando sua função social e definindo novos perfis para seus sujeitos, representa uma das principais forças mobilizadoras para pesquisa educacional. Novos olhares que reconheçam, como propõe Morin (2003), a complexidade conjuntural não como uma dimensão paralisante ou impeditiva, mas ponto de partida para discursos alinhados as ações capazes de fortalecer os sistemas educacionais, ratificando a condição ontológica dos espaços escolares como vias seguras e potentes para a verdadeira transformação social.

São cenários complexos que impulsionam o desenvolvimento científico e a produção de novos saberes. Não à toa, são percebidos, ao longo da história, avanços significativos na produção do conhecimento, após crises que colocam em risco a sobrevivência humana e expõem a fragilidade das estruturas e formas de organização sociais. A questão sanitária só ampliou e reforçou o sentido de que vivemos uma crise civilizatória e vem catalisando a transformação das instituições educacionais, que há muito já davam sinais claros de seu anacronismo.

Elementos norteadores da pesquisa

Este trabalho concentra-se na descrição analítica de uma série de movimentos institucionais de uma rede municipal de ensino, deflagrados no contexto imposto pela pandemia da COVID-19, com o objetivo de garantir a funcionalidade dos processos de ensino e aprendizagem e construir, de forma colegiada, um novo projeto de escola, conectado com às demandas socioeducacionais contemporâneas e fortemente influenciado pelas experiências vivenciadas a partir do modelo de Ensino Remoto Emergencial.

Entre os fatores que impulsionaram a pesquisa, destacamos a necessidade de registrar o momento histórico e promover uma reflexão propositiva, por entendermos que as leituras produzidas sobre a nova estrutura e dinâmica da rede podem fornecer elementos contextuais importantes e subsidiar a definição de futuras políticas públicas.

Metodologia

O percurso metodológico desenvolvido permite classificar o estudo como exploratório e descritivo, fundamentado em princípios qualitativos. Uma opção que não exclui o suporte de dados quantitativos e reforça a necessidade da consolidação de vias não dicotômicas sobre as investigações. Como define Crewell (2007, p.54), a pesquisa qualitativa apoia-se em métodos múltiplos que são integrativos e humanísticos e que ressaltam a importância do pesquisador na identificação dos elementos prioritários do estudo.

A Rede Municipal de Ensino do Paulista – PE constitui o campo de observação de análise do estudo, sendo recrutada em função da relação direta entre os pesquisadores, no período de análise, nos processos de definição e acompanhamento das estratégias de adequação das escolas municipais ao novo modelo.

O município em questão localiza-se na Região Metropolitana do Recife e conta com uma estrutura educacional formada por 63 unidades de ensino públicas municipais, que atendem estudantes da Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) e Educação de Jovens e Adultos. Em 2020, de acordo com os dados do Censo Escolar, 19.358 (dezenove mil, trezentos e cinquenta e oito) estudantes estavam regularmente matriculados, mobilizando um conjunto de aproximadamente 1.230 (mil, duzentos e trinta) professores.

Nesse contexto, foram considerados para captação de dados os encontros realizados com 06 (seis) professoras, lotadas como técnicas na Gerência Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, no período de setembro a novembro de 2020. Os encontros aconteceram de forma híbrida e foram propostos com objetivo de avaliar as intervenções implementadas, desde o início da suspensão das atividades presenciais, promover ajustes e discutir alternativas para os desafios emergentes.

Para a captação dos dados complementares, capazes de traduzir as impressões de representantes da gestão escolar e do corpo docente, foram desenvolvidos instrumentos virtuais. Assim, optou-se por questionários eletrônicos, como canais de comunicação direcionada com a gestão escolar e professores, e ferramentas digitais, com potencial para captação dos registros das impressões dos pesquisadores durante atividades realizadas, obedecendo às diretrizes metodológicas da observação participante. Estratégia metodológica que permite a exploração de todos os sentidos e trocas constantes entre o pesquisador e o ambiente estudado (FLICK, 2009, p.22).

Destacamos que, para a seleção do conjunto de ações adaptativas implementadas pela rede de ensino, foi definido como horizonte temporal o período compreendido entre os meses de abril a novembro de 2020. Opção relacionada com a intenção de analisar as alternativas e ajustes, impulsionados pelos impactos imediatos da pandemia, e conexão dos pesquisadores com a gestão da Secretaria Municipal de Educação do Paulista.



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

Ainda sobre a análise das informações levantadas, destacamos que foi adotada como princípio a busca pelos significados expressos, caminhando para além da descrição dos conteúdos e dados.

A



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

exploração do material produzido nos ambientes virtuais e nas atividades foi complementada por meio do registro das observações seletivas e diretas (LANKSHEAR e KNOBEL, 2008).

Análise dos Dados – Resultados e Discussão

Possibilidades e limites pedagógicos do Ensino Remoto Emergencial.

Um dos pontos inegociáveis para o funcionamento regular das escolas, públicas e privadas, concentrava-se na necessidade de garantir aos estudantes, conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 24, a carga horária mínima de oitocentas horas, distribuídas em um conjunto também mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar. Essas orientações legais sobre o tempo pedagógico constituíam a base para a definição dos calendários letivos e uma série de outros instrumentos de planejamento, que determinavam a dinâmica temporal das redes e escolas.

Com a excepcionalidade do momento histórico, marcado pela inviabilidade de modelo presencial, as redes de ensino precisaram realizar ajustes no calendário letivo e definir novos movimentos pedagógicos, capazes de promover condições para que o direito à educação fosse garantido e a escola não sumisse, sem maiores explicações, da vida dos estudantes. Um desafio que tomava proporções cada vez maiores, à medida que a pandemia persistia e ampliava nossa percepção sobre as desigualdades sociais e sobre a ineficiência dos esforços anteriores para promover a inserção das tecnologias digitais na rotina escolar. Isso porque, no modelo emergente, a maior parte das alternativas de mediação docente direta com estudantes está condicionada ao acesso à internet e a equipamento, assim como ao domínio de competências para aplicação pedagógica das ferramentas digitais disponíveis.

O Ensino Remoto Emergencial foi delineado pelas redes públicas a partir das orientações dos Conselhos Nacional, Estadual e Municipal de Educação, em um cenário marcado pela ausência quase que completa do Ministério da Educação. Com destaque para os Pareceres nº 5, de 28 de abril de 2020, e nº 11, 7 de julho de 2020, ambos do Conselho Nacional de Educação, e a Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Mesmo sendo colocado como a única possibilidade de substituição ao funcionamento regular das escolas, convém ressaltar sua precariedade e baixa capacidade de atender ao que defendemos para a educação pública em nosso país (SAVIANI e GALVÃO, 2021, p.38).

Na Rede Municipal de Ensino do Paulista, todo processo foi discutido com ampla participação dos professores, órgãos consultivos, gestores e representantes das famílias. O modelo definido considerou as limitações conjunturais e foi concebido com a convicção de sua fragilidade e incapacidade de atender as demandas pedagógicas, especialmente dos estudantes que se



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

encontram em situação de vulnerabilidade social. A figura 1 representa de forma esquemática a

distribuição da carga horária entre atividades síncronas e assíncronas e os processos associados à avaliação, acompanhamento, registro e movimentos de integração em rede.



Figura 1. Ações pedagógicas e movimentos em rede no Ensino Remoto Emergencial

Como indicado na figura, o horizonte temporal foi de uma semana e a representação não traz as adaptações e ajustes feitos para atender as especificidades da Educação Infantil e Educação de Jovens e Adultos.

A análise dos técnicos sobre o modelo reafirma a necessidade da incorporação sistemática de alternativas e novos ambientes de aprendizagem criados, a partir dos recursos digitais, de modo que haja continuidade e que se aumente a interconexão entre as atividades presenciais, quando permitidas, e as remotas. Seguindo as ideais e princípios defendidos por Bacich e Moran (2018, p.23), sobre o papel da tecnologia na integração de espaços e tempos, criando uma dinâmica em que ensinar e aprender aconteçam em uma escola ampliada, que se mescla com outros espaços e tempos e que por isso é definida como híbrida.

Os registros produzidos sobre o funcionamento da rede revelam que, apesar dos esforços dos profissionais, mobilização institucional e manifestações de apoio de muitas famílias, as estratégias pedagógicas não conseguiram alcançar a maior parte dos estudantes. Mesmo com a adoção de estratégias independentes da mediação por meio de recursos tecnológicos digitais, como a distribuição de blocos físicos de atividades, roteiros pedagógicos para a educação infantil, cadernos complementares para estimulação dos estudantes com deficiência e outros, muitos estudantes não foram alcançados no Ensino Remoto Emergencial. A síntese das fichas de



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

acompanhamento sobre

participação discente nas atividades síncronas, expressa na figura 2, ratifica as limitações descritas e reforçam a fragilidade e as forças excludentes do atual modelo.

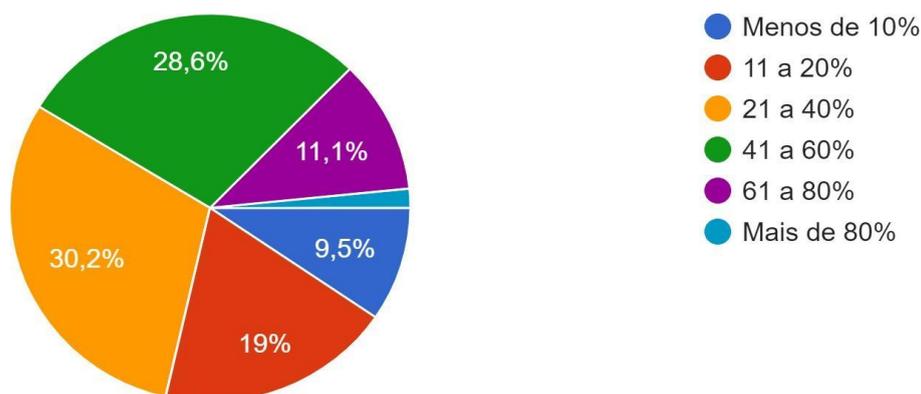


Figura 2. Percentuais de participação dos estudantes nas atividades síncronas, definidos pela gestão das unidades de ensino.

Os dados foram consolidados pelos gestores escolares, a partir dos registros docentes expressos nas fichas de acompanhamento, preenchidas em outubro de 2020. Além da baixa participação, a análise do discurso docente e dos técnicos, responsáveis pelo suporte pedagógico na rede, denuncia limitações que vão além da conectividade e acesso à equipamentos. Entre elas figuram a instabilidade emocional dos estudantes e suas famílias, o aumento da violência doméstica, a ausência de políticas integradas de amparo social, carência de material físico para as trilhas assíncronas, entre outros.

Ainda no campo dos efeitos deletérios, ampliados pelo contexto pandêmico, aparece o aumento expressivo dos riscos de evasão escolar. A devolutiva do questionário *on-line* indica que 53% das unidades de ensino conseguem identificar estudantes com os quais não se estabelece contato, inclusive para retirada das atividades impressas, material de apoio e os kits da merenda escolar.

Os desafios impostos pelo modelo remoto exigem esforço concentrado para que alternativas sejam desenvolvidas no sentido de mitigar os impactos negativos, ajustar o percurso pedagógico e encontrar caminhos para o futuro da escola. Um futuro que já se anuncia marcado pela ampliação das desigualdades socioeducacionais e com muitas lacunas pedagógicas a serem preenchidas.

Currículo e formação continuada

Mesmo antes da oficialização e regulamentação das atividades remotas, no âmbito do Sistema Municipal de Ensino, a Secretaria de Educação estabeleceu como focos de intervenção prioritária



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

a



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

adaptação curricular, a reorientação das práticas de formação continuada e a produção colegiada de um sistema de acompanhamento pedagógico ajustado às novas demandas.

As orientações iniciais sobre o currículo foram centradas na urgência de realizar intervenções pedagógicas voltadas para o acolhimento e o desenvolvimento de competências socioemocionais, como preconiza a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018). Ao fazer a opção explícita por práticas com essa natureza ratificamos a importância da escola como *locus* privilegiado para a aprendizagem e desenvolvimento humano, em suas múltiplas dimensões. Esses movimentos exigem, além da intencionalidade, planejamento, disponibilidade, empatia e compromisso com a construção de ambientes relacionais saudáveis.

Além desse movimento, fez necessário estabelecer prioridades curriculares a partir das matrizes de foco e características dos novos ambientes de ensino e aprendizagem. Um processo que mobilizou professores, por meio de consulta pública e encontros formativos e passou a orientar o planejamento de ações didáticas condicionadas às tecnologias digitais, que de acordo com a BNCC (2018) precisam ser utilizadas de forma crítica, significativa e ética nas diversas práticas sociais.

Apesar da resistência histórica à inserção de tecnologias na rotina escolar, a ruptura promovida pela pandemia gerou uma série de movimentos de apropriação de novas linguagens e competências, em velocidade de crise, fundamentados na colaboração, inovação e necessidade de reinventar o fazer docente.

As ações formativas foram concebidas como espaços de acolhimento aos profissionais, escuta e, principalmente, socialização de experiências bem-sucedidas. Todas as iniciativas passaram a ser mediadas pelas tecnologias digitais, exigindo da equipe técnica e dos formadores a renovação dos temas, metodologias e formas de acompanhamento.

Sobre os caminhos e possibilidades apresentados aos docentes, consideramos que não há um roteiro a ser seguido, apesar das muitas referências sobre padrões metodológicos ativos e um arsenal de ferramentas digitais incríveis, que podem ajudar bastante na construção de novos cenários e dinâmicas de aprendizagem. No entanto, nada tem mais relevância do que a elaboração de uma nova percepção do docente sobre seu papel no contexto que vem sendo construído. É preciso estimular e gerar condições para que os docentes consigam romper com as práticas tradicionais, que sempre conspiram para criação de situações didáticas sem espaço para o protagonismo discente.

Insistimos nos elementos do parágrafo anterior porque, em função da forma como tem sido catalisada a transformação digital da escola, ampliam-se os riscos de reduzirmos o esforço de renovação pedagógica à inserção de tais ferramentas e vias metodológicas alternativas. Estas conseguem, em certa medida, movimentar e estimular as interações, mas sem um esforço formativo mais amplo não são capazes de imprimir mudanças de concepção sobre os processos



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

de construção de conhecimento e a ressignificação dos papéis de seus sujeitos.

Ampliação e consolidação dos vínculos entre a escola e a comunidade.

O distanciamento social impactou profundamente nas formas de interação entre os membros da comunidade educativa. O trabalho remoto dos professores com estudantes também teve caráter pedagógico para os pais/responsáveis que, em muitos casos, precisaram desenvolver novas competências, inclusive digitais, para acompanhar as atividades síncronas e assíncronas propostas em ambientes virtuais. Esse novo capital, ainda em expansão, foi fundamental para garantir o envolvimento das famílias nos espaços de diálogo e decisão, formatados pela escola agora em ambientes virtuais.

Nessa direção, a rede precisou ampliar as ações comprometidas com a integração da comunidade escolar, fortalecimento dos vínculos e instrumentalização das famílias para a participação efetiva. Foram implementadas uma série de iniciativas que permitiram a escuta ativa da comunidade, produção de uma base de dados diagnóstica e a renovação dos canais de comunicação institucionais. Os espaços de diálogo e reflexão possibilitaram o posicionamento dos responsáveis pelos estudantes e profissionais, que relatavam suas angústias, cobravam a presença e responsabilidade do Estado, expressavam suas perdas, descreviam seus medos e, principalmente, traziam exemplos de superação, solidariedade e empatia. É importante também ressaltar que esses espaços constituíram uma frente importante no combate à violência, em suas diferentes formas, e à evasão escolar.

O desenvolvimento de atividades com ampla participação das famílias ratificou a ideia de que é fundamental que a rede de ensino estimule a escuta sensível da comunidade, para além dos aspectos pedagógicos. A figura 3 sintetiza as impressões das equipes gestoras, de todas as unidades de ensino, sobre a relação entre família e escola, considerando dimensões como participação na rotina dos estudantes, padrão de comunicação com a gestão e participação nos encontros.

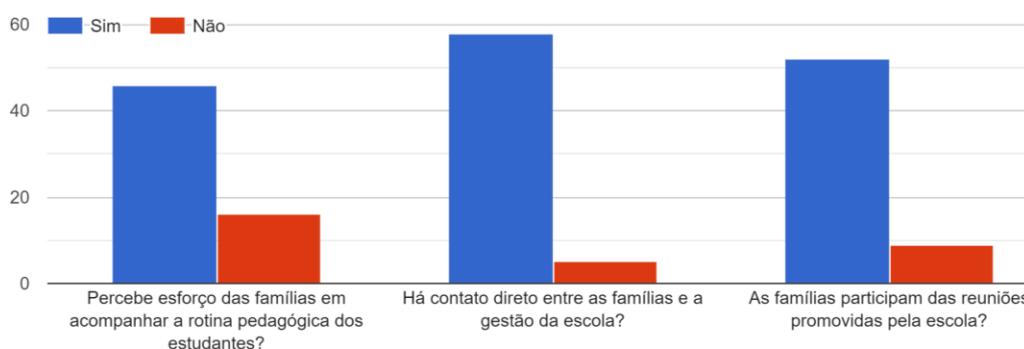


Figura 3. Impressões das equipes gestoras sobre relação família/escola

Os gestores escolares também reconhecem que houve avanço significativo na consolidação e melhoria das relações entre todos os representantes da comunidade escolar. São quase unânimes ao destacar a aproximação entre escola e famílias e, em sua maioria, conseguem identificar o

esforço dos pais ou responsáveis no acompanhamento das trilhas assíncronas. A análise do esforço institucional para melhoria da qualidade do ambiente relacional nas escolas indica as condições desiguais de acesso à internet e a artefatos tecnológicos como o principal fator limitante no contexto do Ensino Remoto Emergencial.

Os espaços de diálogo assumiram um caráter formativo, de acordo com as impressões da equipe técnica, e impactaram de forma positiva no desempenho dos discentes, revelando uma estreita conexão entre as iniciativas e os níveis de acompanhamento da rotina escolar pelas famílias. O verdadeiro diálogo consegue mobilizar as pessoas e despertar o engajamento e sentimentos como respeito, responsabilidade e confiança (BUENO, 2002, p.45).

Acreditamos também que a horizontalidade nas práticas dialógicas, o estímulo à participação não hierarquizada e a postura solidária foram determinantes para que as estratégias alcançassem seus objetivos e fossem validadas por técnicos, gestores e famílias

Conclusão

A escola que emergiu no contexto da pandemia é disruptiva e precisa ser adotada como uma das bases de referência para o que vamos construir quando tudo passar. Isso reforça o caráter transitório e pedagógico do que estamos vivendo e a necessidade de buscarmos, de forma coletiva, alternativas para os desafios presentes e os já que se anunciam para o futuro.

A pandemia determinou de forma compulsória a articulação entre as práticas escolares e as tecnologias digitais, impulsionou o desenvolvimento de novas competências docentes e gerou movimentos de aproximação e integração entre os todos segmentos da comunidade escolar. Em sentido oposto, ampliou as desigualdades sociais e tem deixado um rastro de lacunas e dívidas pedagógicas, que se acumulam em todos os níveis e modalidades de ensino.

A experiência de refletir sobre os movimentos de adaptação de uma rede de ensino a esse contexto desafiador reforça a importância de intervenções, definidas a partir de políticas públicas comprometidas com a equidade e sustentabilidade das ações. Os resultados apresentados evidenciam as fragilidades do modelo de ensino remoto emergencial e dimensionam o esforço, quase que hercúleo, das redes para fazer com que a escola persista. Denunciam também o descompasso entre os entes federados e a inviabilidade da materialização do regime de colaboração, estabelecido nos marcos regulatórios.

As redes municipais de ensino têm apostado na colaboração e busca por experiências exitosas capazes de inspirar e instrumentalizar as equipes profissionais para o enfrentamento dos problemas contemporâneos. Acreditamos que, para além da democratização do acesso à internet e equipamentos, é preciso consolidar as tecnologias digitais com elementos potencializadores de uma nova cultura escolar, pautada no protagonismo discente, nas abordagens contextualizadas e



XVII CONGRESSO
INTERNACIONAL
DE TECNOLOGIA
NA EDUCAÇÃO

Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

na formação integral.



Dilemas e desafios de um futuro presente: o que esperar da educação?

22 e 23 | setembro | 21

Vivemos dias cheios de incertezas, dores e angústias. O que nos mobiliza é a esperança freiriana de um futuro melhor e nossa crença permanente na capacidade dos profissionais em educação de se reinventar, de resistir e continuar mostrando ao mundo que não exista via de transformação social que não passe pela escola.

5- Referências

BUENO, Sônia Maria V. Tributos a Paulo Freire. **Revista Expressão-Feedback**, Ribeirão Preto. p.5-8, 2002.

BACICH, Lilian; MORAN, J. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: Uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso. 2018. p.23.

CASTELLS, Manoel. **de. São Paulo**. São Paulo: Paz e Terra. 2003. p.97.

CRESWELL, John. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ed. Porto Alegre: ARTMED. 2007. p. 54.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: documento de caráter mandatório que orienta a formulação dos currículos escolares**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

GATTI, Bernadete Angelina. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 29-41, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**; tradução. Joice Elias Costa. - 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2009. p.22.

HODGES, Charles et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**. 27 mar. 2020. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>, 2020. Acesso em: 15 de abril de 2021.

LANKSHEAR C.; KNOBEL M. **Pesquisa pedagógica. Do projeto à implementação**. Porto Alegre. Artmed. 2008. p. 16.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2ª. ed. rev.- São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

SAVIANI, Demerval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na Pandemia: a falácia do “ensino remoto”. **Universidade e Sociedade ANDES-SN**, ano XXXI, janeiro, p.36-49. 2021.